

humanitas

Vol. LIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. LIII • MMI



ENTRE O CIRNE E A ABELHA.
A *RECUSATIO* HORACIANA DO LIRISMO SUBLIME

WALTER DE MEDEIROS
Universidade de Coimbra

Abstract: Horace had a perfect conscience of the differences which separated the elevation and the liberty of the «Dircean swan», as he called Pindarus, from the calculated flight of the «Matine bee», to which he resembled his poetry. He tried, however, in spite of everything, the imitation of the Teban: with a praiseworthy success in his bacchic odes (2.19 and 3.25) and in some of his civic odes (namely 3.4 and the beginning of the *Carmen saeculare*); with obvious constraint and artifice in his other poems.

His critical conscience adverted him that he should not go on insisting; and the final *recusatio* of 4.2 (written, however, *per exemplum*) opposes to Pindarus hasty breath, Mosco's Alexandrine gracefulness. The parallel between the end of this ode and the splendid evocation of the source in 3.13 shows that Horace knew how to choose the most congenial poetry for his art and the most delectable for his reader.

O contraste é estridente, como dois cristais que se entrechocam. Contraste de cor, de grandeza, de utilidade. Quando se olha um cirne, é aquela alvura solar que nos embriaga e ofusca; depois, a soberba rebeldia do corpo e das asas, a suprema elegância do colo. Pela utilidade, quem pergunta? O cirne não precisa de ser útil: basta-lhe ser belo, como ave de Apolo e do Sol.

Ora a abelha não é, nem poderia ser, luminosa como o cirne: dourada, quando muito, daquele timbre moroso que se absorve na faina de cada dia; a exiguidade do corpo não cobre um décimo sequer da pena de um cirne; e passaria despercebida, na corola de uma flor, se não fora o zumbir da sua utilidade. Porque é da sua utilidade que os homens lhe pedem contas: o mel que inspira os poetas e dulcifica os amargores do escravo e do homem livre.

Mas há outro contraste: igualmente abissal. O homem do Ocidente, no nosso tempo, pensa no cirne ornamento dos lagos e dos jardins — que escassamente arensa e é negado ao voo, apesar da fortaleza e amplitude das suas asas. Os antigos visavam, pelo contrário, o *cycnus musicus*, que tem voz harmoniosa e envergadura potente para migrar, em largas revoadas, até distantes paragens.

A pobre abelha é tributária do seu cortiço; as deslocações que ensaia têm âmbito recatado, tão recatado, por vezes, que os olhos do apicultor, se forem sagazes, bem as podem seguir no chão em flor dos seus valados.

O cirne é esplendente, como a fogueira do sol ao meio-dia; a abelha é mortiça, como o poente que convida ao regresso a casa.

Horácio teve consciência, muito clara, das diferenças que separam o «cirne dirceu», como chamou a Píndaro, livre senhor dos espaços, da «abelha matina», a que se assemelhava, e que se sente cativa de um esforço aturado nas terras em redor. Diferenças externas, todas superáveis, e diferenças internas, a que a sua compleição poética não conseguia aderir. Píndaro surgia vinculado a aristocráticas famílias, que se diziam (mas o facto é contestado) descendentes dos Egidas, heróis do Peloponeso: Horácio era filho de um liberto, e foi, apesar da glória, molestado pela humildade da sua origem. Píndaro teve amplo comércio com os poderosos, a quem falava com a *parrhesia* de um grande perante outros grandes: Horácio privou com Mecenas, mas só na segunda metade da vida beneficiou da plena amizade do imperador; e, a despeito da familiaridade com que era tratado, guardou (pressentimos) o retraimento do súbdito perante o seu senhor. Píndaro vivia mais para os seus heróis que para as vicissitudes da política: Horácio, embora curado de veleidades activas, nunca se apartou do amor da sua pátria grande e da sua pátria pequena. Píndaro acreditava na pureza e na justiça dos deuses e encareceu, por vezes, as religiões mistéricas: Horácio, à parte uma simpatia discreta pela religião familiar, nutria pelos deuses e pelo além-mundo o cepticismo afável dos intelectuais do seu tempo. Píndaro amou e foi amado (teria morrido, aos oitenta anos, nos braços da sua flama, Teóxeno): Horácio, após uma longa série de amores naufragados, antes da carne que do coração, acabou aos cinquenta e seis, saudoso, quando muito, de alguma sombra elísia.

Mas a diferença maior, e irremissível, residia no arcaboço da lírica, que faz de Píndaro, a despeito dos quadros que respeitava, o mais vertiginoso dos poetas gregos, e de Horácio o mais calculado artista da lírica latina. Resta saber

se o cálculo, a regra, o requinte, aplicados à emulação com um autor não congenial, deram os frutos que o Venusino esperaria.

Porque Horácio, a despeito da incomodidade que o esforço lhe exigia, várias vezes tentou a aproximação de Píndaro. Nunca na amplidão estrófica do Tebano, que lhe parecia adversa à sensibilidade rítmica dos Latinos e aos limites compassados da sua disciplina métrica. Mas, nas condicionantes de uma estrofe domada, a primeira tentativa viria de longe, do epodo 13, em que o poeta convida os amigos a esquecer, na ebriedade do festim, as tristezas do tempo invernososo que os rodeia. É também o conselho que dá o centauro Quíron a Aquiles, destinado a não regressar da sua gesta troiana. O tema, tratado com o brio do melhor Horácio, procede da lírica coral — mas a sugestão virá, mais provavelmente, de Baquílides. Já na colectânea dos *Carmina*, a ode 1.12 contém, no elogio de Augusto e da família júlia, uma farraginoso tentativa de adaptação pindárica; como pindárica parece a sintaxe de 1.37 (vitória sobre Cleópatra), a despeito do incipit alcaico *Nunc est bibendum*. Maior interesse oferecem, contudo, as odes báquicas 2.19 e 3.25. Na segunda, mais breve e mais expressiva, o poeta, possuído do espírito dionisíaco, aspira a poder «cantar algo extraordinário, fresco, como até agora / outra boca não cantou.» E termina assim: «Ó senhor das Náiades / e das bacantes capazes / de arrancar, com suas mãos, os freixos alongados, / nenhuma palavra mesquinha ou de rasteiro molde, / nenhuma palavra mortal eu possa articular. / Doce é o risco, Leneu, de seguir o deus / queinge de verde pâmpano as tēmporas.»

Esse canto fresco, que outra boca não cantou, é alusão provável aos *cantica non prius audita*, as seis odes ditas romanas ou cívicas, que o poeta colocou na abertura do livro III. Horácio está ao serviço da obra de restauração moral empreendida por Augusto: coragem, piedade, amor pátrio, desdém das riquezas, respeito da família constituíram outrora os pilares da grandeza de Roma; hoje, estas virtudes estão abaladas por uma indisciplina que importa refrear. Três odes (3, 4, 5), de estrutura mítico-lendária e de carácter pindárico, são enquadradas por outras três (1, 2, 6), de natureza gnómica, mais próximas, talvez, do modelo alcaico. Poesia de encomenda, em que a terrenidade de Alceu tempera o sublime de Píndaro? A abertura assume uma toada religiosa: «Odeio o vulgo profano e à distância o conservo. / Favorecei-nos com o silêncio!» Mas logo no fecho da ode o poeta se interroga e se lamenta: «Porque hei-de atrair a inveja ao elevar, em novo estilo, / as portas de um átrio sublime? porque hei-de trocar o meu vale sabino / por trabalhosas riquezas?» A nostalgia do seu campo

em um desbarato de forças que não é totalmente infrutuoso. A influência de Píndaro é bem visível na ode 4, a mais longa (80 versos) de toda a colectânea, mas nem por isso fadigosa. O início é preenchido com memórias de Horácio menino, Horácio jovem, Horácio adulto: as *fabulosae palumbes* que o recobriram de mirto e de louro e o salvaram, enquanto dormia, das víboras e dos ursos sinistros; a derrota de Filipos; a queda de uma árvore, que por pouco o não matava; os riscos de um naufrágio no cabo Palinuro. Como o poeta, Augusto é protegido das musas, que lhe dão conselhos de sabedoria. Por isso sabe — movimento pindárico — que a força sem inteligência se destrói a si mesma, como outrora sucedeu com a audácia dos Titãs. Uma sucessão de quadros grandiosos dá a vitória de Jove-Augusto sobre os seus terríveis inimigos.

De menor fôlego são 3 e 5: a ode 3 alardeia mitologia para dissuadir os Romanos da reconstrução de Tróia; a ode 5, mais sóbria e articulada à volta de um herói nacional, Régulo, pretende, com a nobreza de um exemplo, envergonhar os desertores que se bandearam com o inimigo oriental.

Quando as esperanças em uma palingénese e em uma nova idade de ouro pareceram concretizar-se em torno de Augusto, o imperador convidou Horácio a compor o carne de encerramento dos *Ludi saeculares*, cantado duas vezes, uma no Palatino, outra no Capitólio. Pindárico é o agrupamento triádico das estrofes, mas as exigências litúrgicas quebrantam as liberdades de estilo do Tebano; e, à parte a admirável invocação ao Sol (9-12), o carne perde em elevação o que ganha em fidelidade aos esquemas da poesia arcaica. Anos depois, quando elaborava o livro IV, Horácio viu-se de novo pressionado a inserir nele algumas odes cívicas: 4 e 14 são epinícios que celebram, respectivamente, as vitórias de Druso sobre os Vindelícios e de Tibério sobre os Retos. A ode 4, de realização desigual, tem embocadura pindárica na segunda metade, em que Aníbal profetiza os triunfos de Roma e a grandeza dos Cláudios; mas a ode 14 é manifestamente desinspirada: o alarde de topónimos e etnónimos serve mais para glorificar Augusto que Tibério.

Horácio, que tinha consciência crítica, deve ter sentido a falência destas tentativas: por isso, na última ode do livro, a 15, vem uma clara *recusatio* a prosseguir neste campo: «Febo, quando me dispunha a celebrar os combates / e as cidades conquistadas, com a vibração da sua lira me advertiu / de que não soltasse as minhas pequenas velas pelo mar Tirreno.» Pode entender-se a lírica de Píndaro ou a épica de tipo virgiliano. De qualquer modo, nesta ode, igualmente infeliz, dão-se como readquiridas, sob Augusto, as virtudes de outrora: ora

ninguém, com sinceridade, acreditaria em tão veloz e falaz regeneração. Que nem depois havia de florir.

Mas, verosimilmente pela mesma época, uma personagem grada do Império, Julo António, sobrinho do príncipe, convidou Horácio a celebrar, em epinícios, a glória de Augusto, que regressava a Roma, depois de ter pacificado a Gália e repellido os Germanos. O poeta manteve a sua negativa, embora a *recusatio*, como tantas vezes acontece, seja uma *recusatio per exemplum* (4.2). E para Píndaro vai a grande homenagem de abertura, com a confissão da incapacidade de Horácio para acompanhar raptos tão sublimes: «Píndaro — quem com ele se empenha em concorrer, / apoia-se, Julo, em asas de cera, obra de Dédalo, / e destinado está a dar seu nome / ao cristalino mar. // Como rio que desce da montanha, e as chuvas / fizeram engrossar além das margens usuais, / Píndaro refere, imenso, e precipita-se / com profunda boca (...).»

Horácio acreditava, como se vê, nos voos do cirne, que a crítica moderna tende a restringir. E o desenvolvimento prossegue, caudaloso, à boa maneira do Tebano; mas depois vem o contraste sentido: «Potente é o sopro que alevanta o cirne dirceu, / e quantas vezes, António, o arremessa para os altos / páramos das nuvens; eu, ao jeito e feição da abelha matina / que liba o doce timo à custa de labor / ingente, em torno dos bosques e das húmidas / margens de Tíbur, vou modelando, na minha pequenez, / uns carmes trabalhosos.»

É timbre da abelha a perfeição, mas também o seu limite. A Julo António, «poeta de maior plectro», competirá a missão (epos ou canto sublime) que Horácio se furta a executar; a Julo António, prócere quantioso, caberá também, no regresso de Augusto, o sacrifício de dez touros e outras tantas vacas. Horácio vai contentar-se com um tenro vitelo, que deixou a mãe para crescer nos prados verdejantes: «A sua fronte imita os curvos / fogos da lua em seu terceiro despontar; / de neve parece a malha que ele traz: / mas todo o resto é fulvo.»

Depois do fôlego arrebatado de Píndaro, a graça alexandrina de Mosco. Aquele vitelo fulvo, de malha branca, que se destina ao sacrifício, evoca outra vítima inocente, o cabritinho a imolar nos *Fontanalia* (3.13): «Ó fonte, de Bandúsia mais esplendente que o cristal, / digna do doce vinho, de flores não desadornado, / amanhã vais ter a oferenda de um cabrito, / a quem a fronte, inchada das hastes / nascentes, promete amor e combates. / Em vão — pois há-de tingir-te as frias / águas com seu rubro sangue / essa vergôntea do folgazão rebanho. // A ti, a hora atroz da abrasadora Canícula / não consegue tocar-te, e tu ofereces / a frescura amável aos touros cansados do arado / e ao rebanho errante. // Hás-de tornar-te, tu também, uma das fontes gloriosas, / pois eu canto

o azinho fincado em côncavos / rochedos, de onde, palmeiras, / as tuas linfas,
saltitando, jorram.»

Onde mora a beleza? No alvor do cirne, no timbre moroso da abelha? Horácio quis, uma vez, e foi no epílogo do livro II das *Odes* (2.20), converter-se em cirne; e descreveu, sem arte, a sua gravosa transfiguração. Para quê? A fábula reconta que a Píndaro criança as abelhas entravam em sua boca e nela recolhiam a doçura do canto — o mel de que tanto fala a sua poesia. A abelha matina deu a Horácio a parte que lhe cabia: e é quanto basta para reconforto e delícia dos nossos corações.